

INSTANCIÇÕES DA MICROCONSTRUÇÃO “PARA LÁ DE X” NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Éder Nicolau Alves Venâncio
Mestrado/UFF

Orientadora: Mariangela Rios de Oliveira

Todas as construções estão sujeitas à mudança ou à transformação na trajetória da língua na qual estão inseridas. Com o passar do tempo, novas expressões surgem e palavras que outrora tinham um significado passam a ser usadas com novos sentidos.

Este trabalho define e explica as características de um desses fenômenos evolutivos que acontece automática e continuamente em todas as línguas do mundo: a gramaticalização, uma mudança categorial que garante novos usos e funções gramaticais para construções em determinados contextos (BYBEE, 2010; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; TRAUGOTT e DASHER, 2005). Toda a análise de dados baseia-se na visão construcional de gramaticalização (CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006).

Como exemplo para o fenômeno, este artigo defende o uso de “para lá de X” em construções circunstanciais e predicativas. Para isso, são apresentados, de forma sincrônica, os níveis de gramaticalidade presentes no *cline* da microconstrução e suas diferentes funções que coexistem no português contemporâneo.

Para coleta de dados, utilizaram-se postagens retiradas de blogs da plataforma UOL, na internet, e de sites aleatórios na internet quando houve necessidade de exemplificar casos existentes, mas não encontrados no *corpus*.

Fundamentação teórica

Esta pesquisa, fundamentada nos estudos sobre gramaticalização pela perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (MARTELOTTA, 2011), busca identificar níveis de gramaticalidade de padrões construcionais nos quais, em suas partes formadoras, ocorra o elemento “para lá de”. Analisa-se – de forma sucinta, neste

artigo – a microconstrução intensificadora “para lá de X” presente, na maior parte dos casos, em contextos circunstanciais e predicativos.

Segundo a perspectiva atual, o estudo funcionalista acerca da gramaticalização volta-se para uma perspectiva construcional que, com base no cognitivismo, concebe o significado proveniente das relações contextuais entre determinada expressão com todo o sintagma, com toda a frase ou, ainda, com todo o texto. Para Croft (2001 *apud* NOËL, 2006), “*gramaticalização é a mudança processada em determinada construção, que assume novos papéis semânticos e, por isso, pode divergir sintaticamente também*”. Padrões construcionais passam a funcionar com novas funções em contextos específicos.

Essas expressões, de acordo com Batoréo e Silva (2008: 230), são chamadas de *construções*, entendidas como “qualquer padrão coerente de combinação de palavras (...) que se estabelece como um par de formas e significados”, ou seja, qualquer estrutura que faça referência, de forma lógica e padronizada, entre significante e significado dentro de um contexto específico. Croft (2006 *apud* TRAUGOTT, 2008) reforça que a gramaticalização é um fenômeno linguístico mais amplo do qual se forma toda a gramática e pelo qual se estudam mudanças contextuais; não mais, pois, de elementos isolados.

Como exemplo, “para lá de X” – sendo X um adjetivo – seria padrão, no qual a forma fixa “para lá de” seria unida a outro elemento acessado conforme necessidade do falante para, em predicções, estabelecer-se como microconstrução intensificadora.

Uma forma concreta com uso padronizado e função específica para indicar um sentido caracteriza a existência da construção. Essas construções são, então, “unidades formais fixas, padronizadas e portadoras de significado, incluindo (...) características pragmático-discursivas” (MARTELOTTA, 2011: 59). São “unidades simbólicas, pares indissociáveis de sons e significados” (BATORÉO & SILVA, 2008: 230) que se estabelecem em “instâncias contextualizadas do uso da língua”.

“A mudança linguística passa pela criação e convencionalização de padrões de uso” (NOËL, 2007 *apud* OLIVEIRA, 2012: 51), que são formados a partir do discurso. Tavares diz que

(...) a gramática é um repertório de construções linguísticas que, outrora, representavam estratégias retóricas criativas e expressivas para a constituição do discurso, mas que, devido à alta frequência do

uso, acabaram se tornando rotinizadas, convencionalizadas, passando, assim, a fazer parte da gramática. (TAVARES, 2012: 33)

Com o foco ampliado para o contexto, percebe-se que, em determinados casos, o sentido não se apresenta por uma palavra específica, mas por uma expressão/estrutura inteira, uma construção dentro de um padrão de uso útil, sem que haja, necessariamente, união lógica de valores de seus componentes, pois “formar uma frase (...) não implica apenas juntar palavras, mas estabelecer uma relação de adaptação entre essas estruturas e o contexto em que elas são usadas” (MARTELOTTA, 2011: 61).

A mudança gramatical de construções é um fenômeno linguístico marcado pela mudança categorial. Para constatar uma gramaticalização, é essencial a identificação de nova categoria em toda ou em parte da construção. Essas categorias são conceitualizadas em torno de um representante prototípico, aquele que reúne traços recorrentes de que se compõe essa categoria, ou seja, estabelece-se um parâmetro e um vocábulo é ou não considerado pertencente a uma classe quando suas características aproximam-se desse elemento prototípico.

Em (1), abaixo, no uso da construção “para lá de X”, percebe-se que “para”, “lá” e “de” perdem suas propriedades categóricas individuais (preposição, locativo e preposição) ao se apresentarem como unidade indissolúvel, aproximando-se à circunstância de intensidade expressa, por exemplo, pelo “muito”.

(1) “O camaronês Joel Embiid sequer estreou na NBA, mas já se vê entre os melhores jogadores da liga nos próximos anos. Selecionado pelo Philadelphia 76ers no draft deste ano, o pivô de apenas 20 anos fez previsão **para lá de otimista** em seu Twitter, com seu nome no topo de uma lista de MVP, acima de nomes, por exemplo, de LeBron James, Kobe Bryant e outros nomes consagrados... Se a previsão irá se realizar, só o tempo vai dizer; mas, nas redes sociais, o novato já é um sucesso (...)” (http://espn.uol.com.br/post/433528_novato-da-nba-faz-previsao-para-la-de-otimista-e-se-coloca-acima-de-lebron-e-kobe-em-alguns-s)

Em (1), “para lá de X” ocorre como microconstrução intensificadora, aproximando “para lá de” da categoria adverbial. Segundo BECHARA (2009: 287), advérbios referem-se “ao verbo ou, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo (“para lá de otimista”) ou a um (outro) advérbio (“para lá de rápido” e “para lá de bem”), como intensificador”.

Partindo disso, seria possível justificar a gramaticalização, mesmo que sincronicamente, pela comprovação, em termos práticos, de que certa construção varia sua funcionalidade, assimilando características semântico-pragmáticas e morfológico-sintáticas de outras construções. A princípio, cumprindo parcialmente as funções das duas categorias e, posteriormente, apenas em sua função nova. Seria um esquema “A > AB > B” que respeita a um *continuum* categorial. Essa inclinação funcional para outra classe chama-se *cline*.

Esse *cline* estabelece, entre as categorias, uma linha evolutiva do menos abstrato para o mais abstrato. A partir disso, seria possível identificar gramaticalização apenas pela inclinação de certa palavra, em relação ao seu papel funcional, para outra categoria.

Intensificação em “para lá de X”

Ligada à superelevação e à quantificação de determinado conceito, a intensificação é um fenômeno linguístico que assume importante função em contextos pragmático-discursivos porque dentre outros papéis, permite “aumentar, diminuir ou manter numa posição medial a intensidade de uma noção” (LOPES, 1992 *apud* SILVA, 2009). A intensificação

relaciona-se à expressão da ideia de encarecimento, atribuída a uma determinada realidade, em que esta é considerada em um nível além da situação normal. Isto tem sua fonte nas impressões pessoais do indivíduo, a partir do contato deste com o mundo que o cerca, baseadas em parâmetros comparativos estabelecidos por ele próprio ou socialmente convencionados. Assim, a intensificação tem a ver, em primeiro lugar, com a necessidade que o falante tem de exprimir uma noção – superelevada – acerca de algo, resultante de sua experiência com um estado de coisas. Está, portanto, vinculada antes de tudo à manifestação de conteúdo cognitivo, ou seja, à função ideacional da linguagem. (SILVA, 2008: 5)

A gramaticalização de “para lá de X” torna-se evidente, uma vez que “para”, “de” (preposições) e “lá” (locativo) perdem suas características categoriais, passando a funcionar juntos como advérbio, um único item, dentro de construções intensificadoras. Não há relação de sentido lógico entre suas partes formadoras, confirmando o que Trousdale (2008) defende sobre a possibilidade de o sentido do todo não ser derivado das partes. “Para lá de bom”, por exemplo, é uma instanciação da microconstrução

“para lá de X”, que é responsável pela intensificação assim como “muito”, em menor grau (muito bom).

Em situações comuns de comunicação, “para lá de X” aparece com valor intensificador em dois padrões construcionais: a) em contextos circunstanciais, nos quais X, nas instanciações de “para lá de X”, assume forma de advérbio (lugar, tempo, modo) ou de substantivo que faça referência a um lugar ou tempo; b) em contextos predicativos, nos quais adjetivos preenchem X. Há ocorrências, também, em contextos inclusivos e negativos, mas não é esse o foco deste artigo.

Instanciações de “Para lá de X”

Em nível menos abstrato do *cline* (inclinação de uma categoria para a outra) de “para lá de X” estão as ocorrências em constructos circunstanciais (tempo, lugar e modo). Por causa do locativo “lá”, uma das partes formadoras da estrutura, “para lá de X”, instanciado em uma referência a lugar, seria a forma menos abstrata da construção, mais referencial.

(2) “Rosalina foi morta a tiro num lugar onde ninguém tem nada a fazer, só existem bois, plantação de feijão e uma estrada. Fica a 90 quilômetros do Rio, passando a ponte sobre a Baía de Guanabara, e continuando bem **para lá de Niterói**. Mas a meio caminho entre o Rio e o local do crime está Maricá, município onde Feteira tinha uma fazenda, em parte incluída na herança que coube a Rosalina.” (<http://polegar.nafoto.net/photo20050110151944.html/>)

Em (2), “lá” de “para lá de Niterói” não se refere a Niterói, mas sim a um lugar que está mais longe, depois de Niterói. A intensificação não está na relação semântica entre “para lá de” e “depois de”, mas na ideia do “muito depois de”, “muito além”. Há, então, o início dessa noção superelevada, mas ainda não está relacionada a um termo X específico. X ainda funciona apenas como ponto de referência que é característica advinda, provavelmente, do “lá”.

No português contemporâneo, é comum o uso dos termos “Bagdá” e “Marrakesh”, em “para lá de X”, quando há referência a um lugar qualquer que está distante do usuário que a recrutou na comunicação.

(3) “Q lindaaaa...la chiquita bebum tomando totas en lo botequito,hein?!?!uauhuahauha... ok...nd a ver... Mas heinnnn...jah tow com saudade d vc!!!To na frente da sua ksa e naum posso te ver,pq vc viajou **pra lá de Bagdá!!!!** nhaaaaaaaaaaaaa...ma td bem....a Ingrid e a Isabelle me consolam,ok?!?!?!?!? huhuhuhu....Bein....vê c volta logo pra eu pelo menos conseguir te ver amanhã,antes de vc ir embora!!!Tow indoww laranjeba.....Bjsss (http://polegar.nafoto.net/photo2005011_0151944.html/)

Em (3), por exemplo, “para lá de Bagdá” não se refere semanticamente a “muito depois de Bagdá, capital do Iraque”, refere-se a outro lugar também distante, o México. “Bagdá”, diferente de “Niterói” em (2), não é um ponto de referência.

A partir de lugar, “para lá de X” passa a ser recrutada para tempo e modo, tornando-se mais abstrata, menos referencial. Em (4) e (5), como exemplos, “para lá de” é usado para elevar o sentido, respectivamente, dos termos “meio-dia” e “rápido”:

(4) “Cardápio eclético de atrações, com Renata Falcão numa performance inspirada, comidinhas de depois da meia-noite (quando começou a festa) e para as 7h, quando se pensou que terminaria. Que nada! De tão boa, a festa rolou para além das 9h e bem **para lá do meio-dia**. Um luxo!” (<http://www2.uol.com.br/omossoroense/030910/con-teudo/paulopinto.htm>)

(5) “Mais um ano que se passa, mais um ano que se vai. Tá bom, sei que esse tema esta pra mais de batido, ainda mais nessa época do ano onde certas pessoas são tomadas por sentimentos de vazio, frustração, por não terem conseguido as metas do ano... que o ano passou **prá lá de rápido**... que não deu tempo.” (<http://economia.uol.com.br/ultimas-oticias/infomoney/2012/12/07/compras-de-fim-de-ano-saiba-como-na-o-comprometer-o-orcam-ento.jhtm>)

Percebe-se, também, que “para lá de X” em (4) é menos abstrata. Assim como acontece com “depois de”, “para lá de” de lugar é recrutada para tempo, ainda indicando essa ideia de ponto de referência para algo posterior: “para lá de meia-noite” significa “muito depois de meia-noite”.

Em contextos temporais – como em (4) – e locativos com “para lá de X”, não há, ainda, total entrincheiramento da construção por ainda ser permissível a contração da parte formadora “de” com o artigo do sintagma que preenche X: “para lá do meio-dia”, por exemplo.

No contexto (5), X é preenchido por uma única palavra, um advérbio de modo. “Para lá de X”, a partir deste ponto, assume maior regularização: “lá” não faz referência

a nada, “de” não participa de contrações e “para lá de”, como unidade indissolúvel, torna-se claramente um advérbio de intensidade. Em (6), por exemplo, apresenta-se o constructo mais prototípico de “para lá de X”: ocorrências em contextos predicativos nos quais X se instancia em adjetivos.

(6) “Este colunista, acompanhado dos amigos Ari Souza e Leonardo Gonçalves, passou o fim de semana e apreciou as belezas naturais da Serra de Portalegre. A Cachoeira do Pinga e o Terminal Turístico do Mirante enche e encanta os olhos dos visitantes. Foi um fim de semana **para lá de bom**, numa altitude acima de 700 metros do nível do mar.” (<http://www2.uol.com.br/omossoroense/251007/conteudo/saomiguel.htm>)

Neste ponto do *cline*, estão quase 96% das ocorrências de “para lá de X” no *corpus*: “para lá de X” intensificando adjetivo. Esse é o constructo mais regular, mais comum; seu uso, assim como “muito”, está cristalizado no repertório de palavras utilizadas no português brasileiro por seus usuários. “Para lá de + adjetivo” seria, portanto, o protótipo de “para lá de X” e todas as ocorrências no *cline* são esquematizadas com base na relação que essas têm com este uso.

Em (6), por exemplo, “para lá de bom” indica que o “fim de semana” não foi só bom ou muito bom, foi algo maior, além disso. Há uma superelevação do sentido do adjetivo “bom”, função comum para intensificadores.

É facilmente perceptível que qualquer adjetivo poderia aparecer na construção, mas o “para lá de” é fixo, apenas variando foneticamente para “pra lá de”. Percebe-se, também, que essa construção emergente indica certa hiperbolização (Bybee, 2010), devido à ideia exagerada de intensidade de forma melhorativa, como em (6), ou pejorativa.

No português contemporâneo do Brasil, as construções “*muito + adjetivo*”, “*bem + adjetivo*” e “*para lá de + adjetivo*” são as mais utilizadas para expressar intensidade, mas essas não se excluem entre si. Cada uma é utilizada para indicar níveis diferentes de sentido no campo da intensidade e, em certos contextos, os elementos “muito”, “bem” e “para lá de” podem aparecer dentro de uma construção ao mesmo tempo, enfatizando o grau de intensidade do adjetivo em destaque; seria, portanto, uma intensificação enfática. “Para lá de + muito + adjetivo”, por exemplo, é uma construção comum.

(7) “Como vocês bem sabem, a vida na África é **para lá de muito difícil** e em uma vila rural é muito mais. As mulheres têm em média sete filhos e a taxa de mortalidade materna está entre as dez maiores do mundo!” (http://claudiacollucci.blog.uol.com.br/arch2010-01-01_2010-01-31.html)

Em (7), a ideia de intensidade presente em “muito difícil” não era suficiente para expressar o grau requerido pelo usuário da língua. A microconstrução “para lá de X” é usada para sobrepor o valor de intensidade partindo do ponto de vista da primeira pessoa. A exclamação justificaria, também, a necessidade de uso mais expressivo e enfático, que marca a pessoalidade do depoimento em destaque.

Ainda em relação aos contextos predicativos, têm-se “Bagdá” e “Marrakesh”, que, além de lugares distantes – como em (3) –, também substituem adjetivos conforme exemplos (8) e (9):

(8) “**Para Lá de Bagdá:** Indivíduo embriagado pilota motocicleta e incomoda vizinhança na cidade de Americana, interior de São Paulo.” (<http://jogos.uol.com.br/videos/assistir.htm?video=para-la-de-bagda-0402CD1A3964DCA94326/>)

(9) “A defesa, do SPFC, é um circo mambebe dos horrores. É a chamada peneira furada.....Que horror!!!!!! Além de jogadores, minimamente competentes para a função, falta treinamento tático. Aliás, coisa de pouco conhecimento do Leão. Tomar sufoco, de um time de segunda divisão e fraco, é muito para o meu gosto pelo futebol. Certamente, contra o Coritiba, o pesadelo será maior..... Até porque, o time é muito melhor. Time que pretende chegar à algum lugar, não pode, repito, não pode tomar 6 gols em dois jogos. Além de ressucitar centro avante encostado. A coisa tá **para lá de Marrakesh**.....Eita ferro, cruz credo !!!!!!!” (<http://blogdobirner.virgula.uol.com.br/2012/05/24/vou-blogar-dura-te-a-madrugada-aqui-o-texto-da-classificacao-do-sao-paulo-escrito-por-raphael-prates/>)

Em (8), “Bagdá” substitui o adjetivo “bêbado” e, apesar de mais convencionalizada, a função intensificadora de “para lá de X” permanece: “para lá de Bagdá” está acima de “muito bêbado”, que seria o uso com sentido mais próximo. Em (9), “Marrakesh” substitui o adjetivo “ruim” ou “feia”, referindo-se ao termo “a coisa”; “para lá de X”, então, foi usada para intensificar a ideia negativa do usuário da língua em relação ao time.

Quando X de “para lá de X” é “Bagdá” ou “Marrakesh”, a instanciação fica mais convencionalizada e idiomática, mais fixa. Esses termos assumem valor de adjetivo e

podem ser usados com vários sentidos depreciativos: bêbado, doente, louco, feio, cansado, velho, quebrado, ruim etc.

Considerações finais

No que diz respeito às investigações das construções formadas a partir de locativos, esta pesquisa apresentou que “para”, “lá” e “de” podem, em unidade indissolúvel, em nível alto de perda de composicionalidade, formar uma microconstrução intensificadora em contextos circunstanciais (locativos, temporais e modais) e predicativos. “Para lá de” seria, portanto, advérbio de intensidade.

Referências

- AZEREDO, J. C. *Fundamentos de gramática do português*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BATORÉO, H. J.; SILVA, A.S. Gramática Cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In BRITO, A. M. (Org.). *Gramática: Histórica, Teorias e Aplicações*. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2008.
- BATORÉO, H. J. *Expressão do espaço no português europeu. Contributo Psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000.
- BYBEE, J. *A usage-based perspective on language*. In Cambridge, UK: CUP, 2010.
- CASTILHO, A. T. *et al. Gramática do português culto falado no Brasil – vol.2*. 1ª ed. São Paulo: Unicamp, 2008.
- CEZARIO, M. M.; ALONSO, K.S. Estudos de gramaticalização: uma homenagem a Mário Martelotta. In RODRIGUES, V. V. (org) *Gramaticalização, combinação de cláusulas, conectores*. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2013.
- CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DIEWALD, Gabriele. *Context types in grammaticalization as constructions*. *Constructions*, SV1-9 2006.

FRIED, M. Constructions and constructs: mapping a shift between predication and attribution. Princeton University. In BERGS, A.; DIEWALD, G. (eds) *Constructions and language change*: 47-79. Mouton de Gruyter, 2008.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. C. L. et al. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOPPER, J. On Some Principles of Grammaticalization. In TRAUGOTT, E. C. & HEINE, B. (eds) *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

MARTELOTTA, M. E.; ALONSO, K. S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In SOUZA, E. R. (Org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, M. E. Categorias cognitivas e unidirecionalidade. In LIMA-HERNANDES, M. C. (Org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional: O processo de gramaticalização*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NOËL, D. *Diacronic construction grammar and grammaticalization theory*. *Functions of language* 14, 2: 177-202, 2007.

OLIVEIRA, M. R.. *Padrões construcionais formados por pronomes locativos no português contemporâneo do Brasil*. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1: 49-58, 2012.

_____. *Padrões construcionais formados por pronomes locativos no português contemporâneo do Brasil*. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1: 49-58, 2012.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português: Princípios de taxonomia*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

SILVA, J. R.. *Aspectos semântico-cognitivos da intensificação*. *Gragoatá (UFF)*, v. 17: 201-218, 2006.

_____. *A intensificação numa perspectiva funcional*. *Revista Odisséia*, v. 1: 1-18, 2008.

TAVARES, M. A. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical. In SOUZA, E. R. (Org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In ECKARDT, R., JAGER, G., VEENSTRA, T. (eds.). *Variation, selection, development-Probing the evolutionary model of language change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 219-250, 2008.

_____. Toward a Coherent Account of Grammatical Constructionalization. In [JóhannaBarðdal](#), [Spike Gildea](#), Elena Smirnova, and [LotteSommerer](#), eds., *Historical Construction Grammar*. Amsterdam: Benjamins, 2012.

TRAUGOTT, E. C; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford University Press, 2013

TROUSDALE, G. *Constructions in grammaticalization and lexicalization: evidence from the history of a composite predicate in English*. Mouton de Gruyter, Berlin/New York: 33-67, 2008.